



ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE GESTANTES COM SÍFILIS NO PARANÁ, 2010-2020

Júlia Fernandes Silva¹, Isabela Ramos Forlin², Patrícia Bossolani Charlo³,
Nancy Christiane Ferreira Silva⁴

¹Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC-MED/ICETI -UniCesumar. ra-20008276-2@alunos.unicesumar.edu.br

²Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. ra-19124014-2@alunos.unicesumar.edu.br

³Orientadora, Doutora, Coordenadora do Curso de Enfermagem, UNICESUMAR. patricia.charlo@unicesumar.edu.br

⁴Coorientadora, Doutora, Docente, UNICESUMAR. nancy.silva@unicesumar.edu.br

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico das gestantes com sífilis no Paraná, Brasil, no período de 2010 a 2020 através de um estudo quantitativo, descritivo, baseado em dados secundários originários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Foram notificados 18.681 casos de sífilis em gestantes, no Paraná, no período de 2010 a 2020, foram avaliadas as seguintes variáveis, faixa etária, cor e raça, escolaridade, classificação clínica e o tipo de diagnóstico. As mulheres de 20 a 39 anos, brancas, com ensino fundamental de 5ª a 8ª série incompleto foram as mais acometidas no período estudado. Já em relação à sífilis congênita, foram registrados 6.212 casos, tendo como variáveis, a realização do pré-natal, momento do diagnóstico, classificação final, evolução dos nascidos vivos e realização do tratamento pelo parceiro. Foi constatado que, predominantemente, as mães realizaram o pré-natal, tiveram seu diagnóstico durante o mesmo, e seus parceiros não realizaram o tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Gestantes; Sífilis; Sífilis congênita.

1 INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) representam um problema de saúde pública em todo o mundo, visto que as mesmas podem impactar diretamente na saúde materno-infantil. Uma dessas infecções é a sífilis, que é uma infecção sistêmica causada pela espiroqueta *Treponema pallidum*, que conta com três vias principais de transmissão: sexual, sanguínea e vertical e pode ser classificada inicialmente em duas formas: adquirida e congênita (BRASIL, 2020; GROSSMAN; PORTH, 2016; TALHARI; SARDINHA; CORTEZ, 2015).

A ausência de acompanhamento gestacional dificulta o diagnóstico e tratamento precoce, aumentando assim a probabilidade de transmissão para o feto em 70 a 100%; sendo comprovado que o pré-natal realizado de forma efetiva reduz drasticamente, a transmissão vertical da doença (BRASIL, 2020; DOMINGUES; LEAL, 2016; SOARES *et al.*, 2017).

Tendo em vista que a sífilis congênita é um agravo evitável quando a gestante e ou parturiente tem diagnóstico e tratamento precoce (ANDRADE *et al.*, 2018), o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico das gestantes já notificadas no estado do Paraná, como forma de promover melhores estratégias de prevenção e controle local da doença.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo com abordagem quantitativa, descritiva, com base em dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), o qual está inserido nas informações de saúde (TABNET) epidemiológicas e de Morbidade no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).



O estudo foi composto das fichas secundárias das gestantes que desenvolveram sífilis durante o processo gestacional no estado do Paraná entre janeiro de 2010 a dezembro de 2020 e que foram notificadas pela vigilância epidemiológica, e encontravam-se cadastradas no SINAN, apenas uma ficha foi descartada para o estudo pois apresentava certas variáveis foram inconsistentes.

Na investigação da sífilis em gestantes analisou-se dados sociodemográficos e aspectos sobre o diagnóstico. O quadro foi elaborado em consonância com o número absoluto de casos registrados no DATASUS.

O estudo foi desenvolvido em consonância com as diretrizes disciplinadas das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde referentes à pesquisa com seres humanos, mas por se tratar de uma pesquisa com dados secundários disponíveis houve dispensa da aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS

Visando o cumprimento do objetivo, analisou-se que no Paraná, no período de 2010 a 2020, foram registrados 18.681 casos de sífilis em gestantes, sendo a maioria composto por mulheres na faixa etária de 20 a 39 anos, entretanto, mesmo com a prevalência de mulheres adultas, é notável que dentre os casos notificados foram registradas 200 meninas entre 10 e 14 anos com a infecção.

Com relação a raça, houve predomínio de mulheres brancas, seguido pela cor parda. A respeito da escolaridade identificou-se 55 mulheres analfabetas contrapondo 283 mulheres com ensino superior completo e predominância de ensino fundamental incompleto.

A respeito das características clínicas, o diagnóstico foi predominantemente por testes não treponêmicos, afinal apenas aproximadamente 5,3% não realizaram o teste não treponêmico enquanto em média 13% não realizaram o teste treponêmico.

Quadro 1: Características sorológicas das gestantes com sífilis no Paraná, 2010 a 2020

	Teste treponêmico	Teste não-treponêmico
Reativo	15.046	16.081
Não reativo	659	1298
Ignorado	441	313
Não realizado	2.535	989

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação, 2021

4 DISCUSSÃO

A incidência crescente tem direta relação com as dificuldades no diagnóstico precoce e, conseqüentemente, no tratamento de gestantes e seus parceiros, representando um grave problema de saúde pública no país, pois tanto o diagnóstico como o tratamento são oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (LIMA *et al.*, 2019; SOUZA; RODRIGUES; GOMES, 2018).

O estudo retratou a prevalência em mulheres 20 a 39 anos, com ensino fundamental incompleto, o que pode estar diretamente relacionado à vida sexual mais ativa, acesso à informação diminuído e falta de compreensão de medidas de prevenção de ISTs durante a gestação e possíveis conseqüências, esse fato pode ser analisado quando se compara com estados de outras regiões



como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Tocantins (AMORIM *et al.*, 2021; LIMA *et al.*, 2020; MASCHIO-LIMA *et al.*, 2019; PEREIRA *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020; OZELAME *et al.*, 2020).

A raça prevalente encontrada com esse estudo corrobora com a realidade vivida em alguns estados e contrapõe a vivência de outros, demonstrando como o perfil epidemiológico da doença é algo particular e dependente de diversos fatores (MASCHIO-LIMA *et al.*, 2019; OZELAME *et al.*, 2020).

O diagnóstico é feito através de exames diretos para identificar a bactéria e testes imunológicos treponêmicos (específico) e não treponêmicos (não específico), o ideal é se fazer associação entre os testes para evitar resultados falsos-negativos principalmente em gestantes nos estágios iniciais da doença mas o tratamento deve ser iniciado após um resultado positivo e o acompanhamento é preferencialmente feito com o VDRL (não treponêmico) pois as gestantes permanecem sororreagentes com os testes treponêmicos após o tratamento (ANDRADE *et al.*, 2018; BRASIL, 2020).

Os resultados do presente estudo demonstraram que a associação entre os testes não ocorreu de forma integral, visto que durante o pré-natal devem ser realizados testes específicos e não específicos e no período e local analisado houve maior prevalência de testes não treponêmicos (PARANÁ, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação da sífilis gestacional no Paraná encontra-se distante do ideal, os resultados demonstraram aumento da incidência e prevalência da infecção em gestantes, assim percebe-se maior atenção dos gestores às mulheres que apresentam o perfil epidemiológico condizente com o desenvolvimento da infecção.

REFERÊNCIAS

AMORIM, E. K. R.; MATOZINHOS, F. P.; ARAÚJO, L. A.; SILVA, T. P. R. Tendência dos casos de sífilis gestacional e congênita em Minas Gerais, 2009-2019: um estudo ecológico". **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, n. 4, 2021, p. 1-13. 2021.

ANDRADE, A. L. M.; MAGALHÃES, P. V. V. S.; MORAES, M. M.; TRESOLDI, A. T.; PEREIRA, R. M. Late diagnosis of congenital syphilis: a recurring reality in women and children health care in Brazil. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 4, p. 376-381, jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informações do SUS. **Informações em saúde**. Estatísticas vitais. Mortalidade. Mortalidade geral. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203&id=29878153>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, 2020.



CHINAZZO, L. K.; LEON, C. A. Perfil clínico e epidemiológico da sífilis congênita na unidade de internação de um hospital universitário. **Boletim Científico Pediátrico**, v. 4, n. 3, p. 65-69, 2015.

DOMINGUES, R. M. S. M.; LEAL, M. C. Incidência de sífilis congênita e fatores associados à transmissão vertical da sífilis: dados do estudo Nascer no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 32, n. 6, p. 1-12, jun. 2016.

GROSSMAN; S. C.; PORTH; C. M. **Porth: fisiopatologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

LIMA, T. M.; MACHADO, I. L. L.; SIQUEIRA, J. P. Z.; ALMEIDA, M. T. G. Perfil epidemiológico de pacientes com sífilis congênita e gestacional em um município do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 19, n. 4, p. 873-874, out./dez. 2019.

MASCHIO-LIMA, T.; MACHADO, I. L. L.; SIQUEIRA, J. P. Z.; ALMEIDA, M. T. G. Perfil epidemiológico de pacientes com sífilis congênita e gestacional em um município do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 19, n. 4, p. 873-874, out./dez. 2019.

OZELAME, J. E. E. P.; FROTA, O. P.; JUNIOR, M. A. F.; TESTON, E. F. Vulnerabilidade à sífilis gestacional e congênita: uma análise de 11 anos. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, e. 50487, p. 1-9, out. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Saúde. Divisão de Atenção à Saúde da Mulher. **Linha de cuidado materno-infantil do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, 2022.

PEREIRA, A. L.; SILVA, L. R.; PALMA, L. M.; MOURA, L. C. L.; MOURA, M. A. Impacto do grau de escolaridade e idade no diagnóstico tardio de sífilis em gestantes **Femina**, v. 48, n. 9, p. 563-567, 2020.

SILVA, L. R.; ARRUDA, L. E. S.; NASCIMENTO, J. W.; FREITAS, M. V. A.; SANTOS, I. S. F.; SILVA, J. T. L.; FREITAS, T. S. De mãe para filho (a): os impactos da sífilis gestacional e congênita na saúde pública do Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 330-343, jan./feb. 2021.

SOARES, L. G.; ZARPELLON, B.; SOARES, L. G.; BARATIERI, T.; LENTSCK, M. H.; MAZZA, V. A. Sífilis gestacional e congênita: características maternas, neonatais e desfecho dos casos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 17, n. 4, p. 791-799, out./dez. 2017.

SOUZA, B. S. O.; RODRIGUES, R. M.; GOMES, R. M. L. Análise epidemiológica de casos notificados de sífilis. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 2, p. 94-98, abr./ jun. 2018.

TALHARI, S.; SARDINHA, J. C. G.; CORTEZ, C. C. T. Sífilis. In: Foccacia R, editor. **Veronesi-Focaccia: tratado de infectologia**. 5. ed. São Paulo: Atheneu; 2015.